

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

87, Rua do Norte, 103

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Gabriel Fauré — A musica na Bibliotheca Nacional de Lisboa (conclusão) — Monographia do Cornetim — Concertos — Theatro de S. Carlos — D. Carolina Alzina — Noticiario — Bibliographia — Necrologia — Expediente.

GABRIEL FAURÉ

Discipulo muito estimado de Camille Saint-Saens, é Gabriel Fauré uma das actuaes illustrações da arte franceza.

O brilhante exito que recentemente obteve nas Arenas de Béziers a sua peça «Prometheu», veiu pol-o agora em foco, chamando sobre o seu talento, já de ha muito reconhecido, as attentões do mundo musical.

As Arenas de Béziers começaram a ser construidas ha dez annos, sendo o seu primeiro destino uma praça de toiros.

As toiradas porém não teem conseguido crear raizes no illustrado paiz que é a França, e a construcção começada mudou de applicação destinando-se a um fim mais civilisado: fazer d'ella uma imitação do antigo theatro grego, não para os *raffinés* da arte como Bayreuth, mas para o simples e ingenuo povo dos campos, onde elle assistisse ao spectaculo de peças grandiosas que lhe retemperassem o animo e lhe illustrassem o espirito.

A municipalidade protegeu o emprehendimento, um mecenas local, M. Castelbon

de Beaux-hostes, abonou as despezas pre-
vias, e em 28 de agosto de 1898, realisou-se a inauguração das Arenas de Béziers, ainda incompletas, com a representação da tragedia «Djanira», poema de Luiz Gallet, musica de Saint-Saens. Doze a quinze mil pessoas, a maior parte das quaes eram habitantes das povoações ruraes circumvisinhas, assistiram a esse bello e moralisador spectaculo ao ar livre, completamente novo para as gerações modernas.

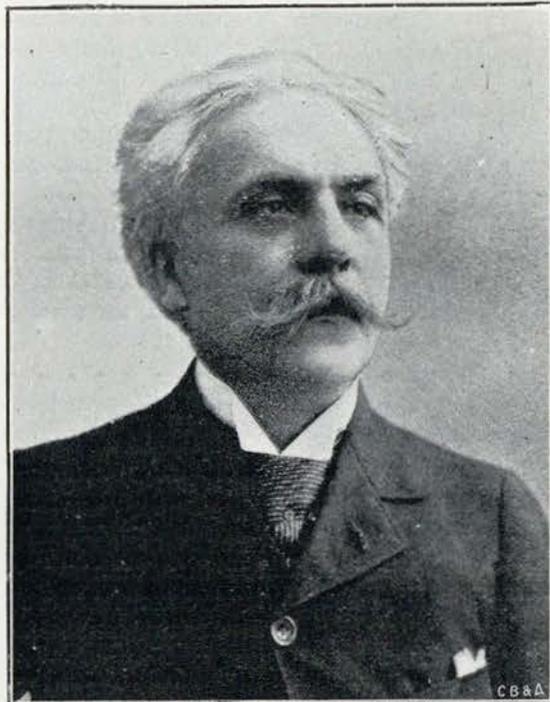
Esta tentativa foi animadora e tratou-se de concluir a construcção da ex-praça de toiros, apropriando-a ao novo destino.

Em 27 de agosto de 1900 apresentou-se o «Prometheu», tragedia de Jean Lorrain e Ferdinand Herold, musica de Gabriel Fauré.

Mais do que o poema, cujas palavras não podem ser integralmente ouvidas pelos quinze mil espectadores que povoam as arenas, foi apreciada a musica com os seus vigorosos accents. Tanto agradou o «Prometheu» que se re-

petiu este anno, egualmente em 27 de agosto.

Os executantes nas Arenas de Béziers, compõem-se, além dos actores principaes, das seguintes grandes divisões: a orchestra principal, formada com uma banda militar, uma sociedade de amadores e artistas tocadores de instrumentos de cordas, em numero proporcional, o conjuncto circundado por vinte harpas; outra orchestra invisivel, destinada a acompanhar os cantores quando



se afastam muito da orchestra principal como exige o enorme desenvolvimento da scena; tudo isto constituindo um total de 450 instrumentistas, os quaes reunidos a 250 coristas completam 700 executantes, dirigidos em primeiro logar pelo auctor da partitura, e secundariamente por mais tres chefes de orchestra e um de canto.

E' possivel que os movimentos d'essas cinco batutas não sejam sempre de um isochronismo perfeito, mas attendendo-se a não ser aquillo uma sala de concerto, taes imperfeições devem ser perdoaveis e até talvez contribuam para tornar o spectaculo mais pitoresco.

Gabriel Fauré, nascido em Pamiers (departamento do Arriége), em 1845, é pianista, organista e occupa o logar de mestre de capella na igreja da Magdalena, em Paris; mas sobretudo é estimado como compositor dotado do mais delicado sentimento.

Ha quem lhe chame o «Schumann francez», denominação assaz ambiciosa mas que caracteriza a sua tendencia para a originalidade.

As suas composições são com effeito muito originaes, distinguindo-se pela finura e abundancia das idéas, pela animação e variedade dos accents, e sobretudo pelo sentimento elegiaco.

As que estão publicadas sobem a mais de 50, sendo mais notaveis: uma sonata para piano e violino (op. 13), quatro Nocturnos, tres Barcarollas, tres Improvisos, uma Valsacapricho (op. 30), além de outras, tendo para piano, assim como muitas melodias para canto.

Tem escripto tambem alguns quartettos muito estimados e um *Requiem*, que foi a sua obra mais consideravel antes do «Prometheu».



A Musica na Bibliotheca Nacional de Lisboa

(Conclusão)

Eis agora o compendio de musica mais vulgarizado no principio do seculo XVI. A *Cartella* (Cartinha) do compositor e auctor didactico veneziano, Adriano Banchieri. Fé-tis menciona que ella teve tres edições: da primeira diz ignorar qualquer noticia, por que nunca a viu; descreve a segunda publicada em 1610, e a terceira em 1614, sem fallar de nenhuma outra. Todavia o exemplar que existe na nossa Bibliotheca é da quinta edição e tem a data de 1623.

Diz o titulo: *La Banchierina overo Car-*

tella picciola del Canto figvrato di Adriano Banchieri abbate olivetano benemerito. Opera utilissima alli figlioli, per acquistarne il nome di sicuro Cantore. Novamente in questa Quinta impressione ridotta dall'antico al moderno Stile. In Venetia, Appresso Allessandro Vincenti. 1623. Em 4.º com 42 paginas.

Tem no principio dois canones a tres vozes, um dos quaes é feito sobre esta letra:

Dente canino si corrodero velis Aucthorem esto procul nomen edacis habes.

O nosso musico didactico Francisco Solano serviu-se d'esta mesma letra para outro canon a oito vozes, que fez estampar no anterosto da sua obra «Nova Instrução musical» (1764). Vê se por isto quanto elle era instruido, pois conhecia a obra do seu collega que o precedeu perto de duzentos annos.

Na *Banchierina* ha umas advertencias aos paes de familia, parte das quaes merecem registo: «Todo o pae de familia, gentilhomem, simples cidadão ou, em summa, gosando uma posição que lhe permita dar esmerada educação a seus filhos, não deve deixar de fazel-os aprender a nobilissima disciplina do canto, a qual lhe produzirá as seguintes utilidades.

Se a creança, nos intervallos dos estudos da grammatica, se dedica ao exercicio do canto, tira d'ahi tres vantagens de não pequena consideração. Primeira, alivia o espirito dos aridos principios litterarios. Segunda, evita a vadiagem. Ultima, occupando-se virtuosamente não será atacada pelo vicio.

.....
Não esquecendo dizer, que chegando a creança á idade juvenil com a posse d'essa prenda, torna-se gentilhomem, ergue academias em vez de casas de jogo, lugares estes de trevas cujos perniciosos effeitos as infelizes familias demasiado teem sentido, e se fôr bom cantor, embora simples cidadão será considerado gentilhomem e universalmente acariciado com muito louvor e utilidade.»

N'umas advertencias aos mestres, diz Banchieri:

«... Deve ensinar com amôr e paciencia...»

Já se vê por esta pequena amostra, como a *Cartella picciola* deve ser um livrinho estimavel e quanto elle mereceu as cinco edições que teve ha perto de tres seculos.

Não deixarei de mencionar outro livro castelhano, muito estimado na bibliographia musical e extremamente raro; é o tratado feito pelo padre João Bernardo e publicado

em 1555. Diz o seu principio: *Comiença el libro llamado declaraciõ de instrumentos musicales dirigido al illustrissimo señor el señor don Francisco de çuniga Conde de Miranda, señor de las casas de auellaneda y bacã, etc.*

cõpuesto por el muy reverendo padre fray Juã Bermudo de ordẽ de los menores: en el qual hallará todo lo que en musica dessearẽ, y cõtiene seys libros: segũ enla pagina siguiẽte se vera: examinado y aprouado por los egregios musicos Bernardino de figueroa, y Christoual de morales. 1555. Em 4.º grande com 142 folhas.

Os seis livros em que a obra se divide tratam d'estas materias:

1.º Louvores da musica.
2.º Principios.
3.º Trata «de grandes profundidades e segredos tanto de cantochão como de canto mensural...»

4.º Trata do orgão, de todas as especies de violas e da harpa.

5.º Arte de compor cantochão, lancar lhe o contraponto e compôr canto mensurado.

6.º Corrige alguns erros de outros livros publicados, trata dos generos da musica e do modo de tanger e afinar os instrumentos que o auctor diz ter inventado.

Como se vê, a nossa Bibliotheca não é muito pobre na secção musical, contendo, ao contrario, raridades de primeira ordem, além de muitas outras obras que deixo de mencionar por menos raras das obras portuguezas que sufficientemente descrevo no «Diccionario dos Musicos Portuguezes», e da musica pratica, que ali existe em bastante quantidade; assim fosse mais abundante em livros modernos, dos quaes apenas possui a *Biographie Universelle* de Fétis e poucos mais.

No entanto os estudiosos não perderão o seu tempo passando ali algumas horas, e creio ter-lhes prestado serviço dando-lhes conhecimento do mais interessante que lá existe.

ERNESTO VIEIRA.



MONOGRAPHIA DO CORNETIM

Origem d'este instrumento. O Clarim—A musica primitiva é tão antiga como a historia e a invenção dos instrumentos musicos data de seculos os mais remotos. Do plano asiatico onde encontramos os primei-

ros vestigios da historia, a musica acompanha a humanidade nas suas migrações atravez da China, da India e do Egypto.

Um dos mais antigos livros existentes, a Biblia, cita a cada passo a musica, desde as suas primeiras paginas.

Os Reis David e Salomão foram grandes musicos e os seus psalmos que são de uma bella inspiração e destinados evidentemente



a ser traduzidos pela voz cantada, teem sido vertidos em quasi todas as linguas.

E' a Salomão que se deve a introduccão do canto no templo de Jerusalem, Foi ainda elle que instituiu uma escola de cantores e uma orchestra muito consideravel, que contava perto de 4:000 executantes e em que os principaes instrumentos eram o sistro, o tambôr e os clarins.

Perde-se n'um remotissimo passado a origem do clarim.

Empregaram-no os romanos, como o attestam os seus velhos monumentos e por esse motivo lhe chamam ainda hoje os italianos —*tromba romana*; mas a invenção do instrumento é que se não pode attribuir ao povo romano quando é certo que o tinham empregado os Hebreus e os Egyptios, nas festas com que honravam a Osiris (2000 annos antes de Jesus Christo). E escusado será invocar o testemunho da Historia Sagrada, que nos apresenta Josué, o chefe dos Hebreus, fazendo cahir as muralhas de Jericó ao som dos seu clarins. (1)

(1) Julga o sabio Mersenne que o abalo produzido na atmosphera pelos clarins e pelos gritos dos Hebreus foi o bastante para fazer cahir as muralhas da velha cidade da Palestina, o que não abona muito em favor da arte de construir d'aquella epoca.

É também sabido que os israelitas, ao marcharem adiante da Arca Santa iam tocando harpas, sistros, *trombetas*, etc. instrumentos estes que haviam copiado das nações visinhas e não inventado, como alguns supõem.

Os hebreus usavam o *Jobel*, a que chamavam também *Schophar* ou *keren* (especies de clarim) e que era tocado na tarde do sexto dia para chamar ao *sabbat* os habitantes da cidade e dos campos.

O *chatzotzeroth* era também uma especie de clarim, composto de um tubo estreito, quasi cylindrico e terminado por um pavilhão de forma elegante; empregava-se na guerra e nos sacrificios religiosos.

Todos os povos civilizados da antiguidade usavam o *clarim*, ou antes, *clarins*, porque possuíam um grande numero de modelos d'este instrumento. A sua variadissima nomenclatura dependia da forma, da qualidade do som e também do paiz d'onde o instrumento era originario; quanto á materia com que era construido, empregavam-se as pontas de boi e de carneiro, os dentes d'elephante, a casca das arvores, as grandes conchas marinhas e outros objectos de fôrma analoga.

Eis os nomes com que eram conhecidas na antiguidade as diversas variedades do clarim: — Tuba (*clarim direito dos romanos*), Cornu (*clarim dos romanos e anglo-saxonios que invadiram a Bretanha em 449*), Lituus (*clarim com a extremidade recurvada, empregado pela cavallaria romana*), Claro, Clarasius, Taurea, Cornix, Salpinx (*dos gregos*), Buccina curva (*dos romanos*), Argia, Egyptiaca, Classica, Licinia, Nadubba, Tubesta, Keras (*dos gregos*), Ja (*dos chineses*), Berena (*dos indus*).

Nos auctores francezes da idade media ainda se encontram os termos: trompe, cor, corne, cornet, que são vertidos d'aquelles.

Os clarins tem sempre servido para os mesmos usos. Em todas as épocas ha clarins nos combates, nas manobras militares, nas cerimoniaes e festas tanto religiosas como civis. Representavam primitivamente nas cidades o papel que mais tarde representou o sino; assim annunciavam ao burguez o principio e fim do mercado, a abertura e encerramento das portas e o toque de recolher.

Serviam-se também os antigos das trompas e clarins para annunciar a agua, o vinho e o pão dos soberanos quando se achavam á mesa.

Sabe-se que a rainha Isabel, durante as refeições, mandava executar musica por uma orchestra, que devia certamente ter caracter guerreiro, pois contava entre outros instrumentos nada menos de 12 clarins.

Por diversas vezes se tentou dar dimensões colossaes a este instrumento; na idade media fabricavam-se clarins com tal comprimento e grossura que, para os tocar, havia mister appoial-os sobre um supporte.

Uma interessante obrinha historica de Lavoix (1) falla dos *Cornets à bouquin* agudos e graves, que se usavam nos seculos XVI, XVII, e XVIII e apresenta os desenhos dos referidos instrumentos.

Foi em 1770 que em França os irmãos Braun importaram da Allemanha os clarins aperfeiçoados: não se conheciam outros clarins n'esse paiz, a não ser os de cavallaria e durante perto de um seculo foram estes os unicos que se adoptaram na Opera.

No mesmo anno de 1770 um fabricante de nome Légeran inventava um clarim de varas, com uma mola que se punha em acção com o dedo pollegar; este instrumento dava todos os sons do systema musical a partir do sol grave do violino até ao dó acima da pauta (clave de sol).

O clarim, a que os francezes chamam *trompette* compõe-se de um tubo de cobre voltado sobre si mesmo, terminando em uma das extremidades com uma embocadura de bocal e na outra com um pavilhão. Este tubo não tem buracos nem chaves, possui os mesmos sons harmonicos que a trompa, mas dispõe sómente dos sons abertos.

São uma oitava acima da trompa e muda como esta, de tonica por meio de tubos addicionaes. Tem uma sonoridade clara, nobre, arrogante e intensa, que desperta ideias alegres, guerreiras e heroicas. Representa um papel importante na musica festiva.

Os compositores d'opera empregam frequentemente o clarim em passagens apaixonadas, nos trechos de ostentação, cantos de triumpho, córos solemnes e finais energicos. Tocado *piano* produz effeitos de uma grande belleza.

No andante da introduccão da *Iphigenia em Taurida*, Christovam Gluck escreveu uma nota longamente sustentada por dois clarins em *pianissimo*. Beethoven no andante da sua *Symphonia em lá* applicou um effeito do mesmo genero. Weber empregou também com felicidade este instrumento na mesma *nuance* em grande numero de passagens.

Nas operas de João Baptista Lulli encontram-se partes de clarim cheias de difficuldades assombrosas e de que se não sahiriam bem os mais habéis executantes da actualidade; eram porém clarins com orificios e conforme as afirmações do erudito

(1) H Lavoix fils — Histoire de la musique

padre Mersenne foi em Heidelberg, cidade do grão ducado de Baden, que se descobriu o instrumento que devia resolver a questão da natureza dos clarins empregados pelos antigos compositores, taes como Bach e Haendel.

«Foi um artista da Capella Real, da Prussia, que fez esta descoberta.

Consiste o instrumento n'um tubo de 4 pés de comprido. E' em *si bemol* e pode por meio de uma bomba subir até ao tom de *ré*.

Kosleck fel-o ouvir em uma reunião effectuada em Berlim e a assembléa ficou maravilhada pela emissão facil e agradável dos sons, que excediam de uma oitava no agudo aos que dá o clarim que se usa actualmente nas orquestras.»

Assim se explica a extrema difficuldade de certas passagens hoje inexequíveis que se encontram a cada passo nas obras dos antigos mestres.

No emtanto o *clarim liso* tem sido empregado em todas as epocas; o seu som agudo e penetrante pode ouvir-se de muito longe e mesmo entre ruidos consideraveis. A circumstancia de ter poucas notas e só poder executar signaes ou arias de um desenho melodico muito limitado não o impede de se prestar admiravelmente a todos os usos do exercito, onde é conhecido sob a designação de *clarim de ordenança*.

A corneta tem tambem poderosa sonoridade, differindo do clarim em ter o tubo mais largo e mais curto e produzindo portanto um som mais aberto.

Durante o reinado de Luiz XIV as quatro companhias dos guardas do sequito do rei tinham cada uma 7 clarins e 1 timbaleiro. Havia por cada companhia um clarim, que ficava junto do rei para seu serviço particular, sob o titulo de *clarim dos prazeres* (*trompette des plaisirs*). Um 5.º timbaleiro dependente do sequito ficava tambem junto do monarcha, sob o mesmo titulo; este timbaleiro marchava na frente da guarda, tocando os seus timbales atraz do coche real, enquanto que os clarins caminhavam na frente do coche tocando os seus instrumentos. (1)

Data de 1770 a addição de cylindros

ao clarim e esse importante melhoramento que permittiu ao instrumento produzir todas as notas da escala com a maior facilidade originou o nome de *clarim chromatico*, com que é conhecido na Allemanha e na Italia.

Um inglez chamado Halliday, segundo affirma Fetis, imaginou em 1815, a exemplo do que se fez com o clarinete e com o oboé, augmentar 6 chaves á corneta. Foi coroada de bom exito esta tentativa, mas viu-se que com tal instrumento se creára um novo typo de sonoridade, em nada semelhante á da corneta; passou a designar se sob o nome de *horn bugle* ou *bugle-horn*, em portuguez *corneta de chaves*. (1)

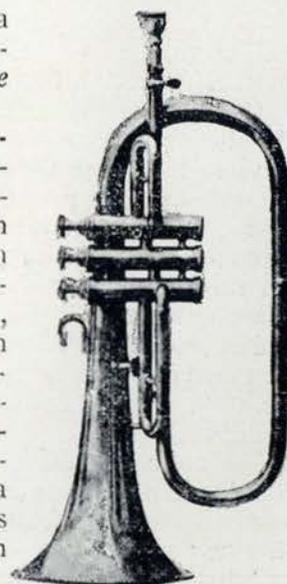
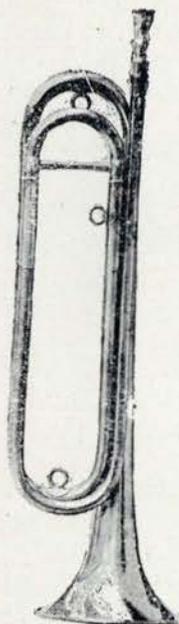
Creou o mesmo Halliday uma familia inteira de *bugles*, fabricando-os de diversas dimensões; n'essa ideia se inspirou o mais illustre dos inventores, no dominio da factura instrumental, Adolphe Sax (2), quando imaginou a numerosa familia dos *sax horns*, que tão relevantes serviços tem prestado á musica militar.

Em 1847 inventava o mesmo celebre fabricante a *corneta de pistons*.

Tambem se lhe deve a adaptação de certos aparelhos de cylindro, que se podem collocar em lugar da pequena peça de embocadura do clarim, constituindo assim uma completa collecção de *cornetas chromaticas* em diferentes diapasões servindo não sómente para diversos signaes, mas ainda para tocarem fanfarras, etc.

(1) O *bugle-horn* principiou a ser conhecido na Allemanha em 1835, sob o nome de *flugel-horn* e, patrocinado por Mouritz e Niesarech.

(2) Nascido em Dinant em 1814.



Com a adopção do *cornetim de pistons*, de execução muito mais facil, tem-se restringido consideravelmente o uso do clarim; é no emtanto ainda usado nas musicas militares bem organisadas e muitas vezes nas orquestras symphonicas em circumstancias de não poder ser substituido por qualquer outro instrumento similar.

(Continua)

ALFREDO BORGES DA SILVA

CONCERTOS

Não mencionámos no numero anterior um delicioso programma com que o Sextetto do Casino Peninsular da Figueira organisou o seu segundo Concerto de Musica de Camara, em 11 d'este mez.

Estamos ainda a tempo de o fazer e com tanto maior prazer, quanto é certo que entre tantos grupos musicaes agora organisados, nos corre o dever de exaltar justamente aquelles que melhor comprehendem a sua missão educativa e que melhor se desempenham d'ella.

Eis o programma:

Trio (para piano, violino e violoncello)..... *Haydn*
 Sonata (piano e violino)..... *Beethoven*
 Quintetto das trutas..... *Schubert*

Executantes os srs. Bonet, Francés, Palmeiro, Alvarez e Silva.

Ora isto é que é um verdadeiro concerto de Musica de Camara e é n'este sentido que deviam trabalhar todos os sextettos e outros grupos que se propõem a fazer concertos sérios. Seria um verdadeiro beneficio para a Arte e apezar da pretendida boçalidade do nosso publico talvez conseguissem alguma cousa de mais positivo do que tem feito até hoje: encheriam pelo menos a sala, como se tem visto na Figueira e teriam o applauso de toda a gente como tambem ali tem succedido.

No concerto de que nos estamos occupando tiveram um exito excepcionalmente enthusiastico a *Sonata* e o famoso *Quintetto das trutas*.

Julio Francés é um dos melhores violinistas de musica de camara que aqui tem vindo, o pianista Bonet distinctissimo tambem, o violoncellista Moraes Palmeiro demasiado conhecido nosso para que lhe façamos

aqui o elogio e os outros artistas tão conscienciosos e conhecedores d'este genero de musica, que dão, no seu trabalho, a impressão de um longo tirocinio e de uma admiravel homogeneidade.

Um bravo pois aos sympathicos artistas da Figueira, a quem endereçamos os nossos votos mais sinceros para que se não demovam um só momento do caminho tão brilhantemente encetado.

*

No 2.º concerto de musica de camara do Sextetto de Cascaes, que teve logar a 12, conforme já noticiamos, apenas se tocou a *Sonata n.º XVII* de Beethoven para piano e o *Trio Serenata* do mesmo auctor. O resto do programma foi destinado aos taes *arreglos* com que não podemos sympathisar e ao primeiro tempo do Concerto de Mendelssohn, primorosamente executado pelos srs. Benetó e Casanovas.

O delicioso *Trio* de Beethoven teve tambem uma execução muito cuidada e digna de todos os elogios.

*

No dia 18 dava-se no Salão do Grande Hotel Lisbonense (Caldas da Rainha) uma bella *matinée* musical, infelizmente pouco concorrida.

Era promovida pelo distincto violinista Huberto Gonzalez, concertino da Sociedade de Concertos de Madrid, que foi bizarramente coadjuvado pelos seus collegas do Sextetto do *Club de Recreio*, srs. Manoel d'Oliveira, Julio Taborda, José Ramos, José Henrique dos Santos e João Antonio da Silva

O talentoso promotor tocou o *Roberto* de Alard, as *Arias russas* de Wieniawski e as *Arias bohemias* de Sarasate. O estimado violoncellista Henrique dos Santos tambem se apresentou a solo com um trecho de Mariani, *L'abandono*.

O resto do programma constou de fragmentos de musica de camara de Gade e Beethoven e de obras arranjadas para sextetto.

*

Concerto por todos os titulos interessante foi o que no mesmo dia 18 se realisou no Salão do Grande Hotel do Mont'Estoril, o primeiro da *serie de outomno* que Madame Sarti, Rey Colaço e Rubio se propuzeram effectuar n'aquella aprazivel estancia e mais tarde no theatro de Cascaes.

As peças mais importantes do programma eram a *Sonata em ré* de Rubinstein,

obra esta em que o equilibrio na sonoridade dos dois instrumentos ha de ser sempre mais ou menos prejudicado pela factura um tanto grossa da parte de piano e a *Polonaise em dó* de Chopin que foi um triumpho em toda a linha para os dois eximios executantes.

Dos solos que couberam a Agustin Rubio não hesitamos em especialisar o *Cygne* de Saint-Saëns a que o primoroso tocador imprimiu todo o calôr meridional do seu fino temperamento e essa divina *Aria* de Bach, que, com processos tão oppostos a tudo o mais, nos ha de commover sempre profundamente quando fôr tocada com a sobriedade, intelligencia e pureza de som com que o notavel *virtuose* a interpreta.

Dos artistas modelares que se chamam Rey Colaço e Madame Sarti é sempre agradável fallar.

Não nos deteremos porém a analysar cada uma das obras por elles executadas, pois teríamos de applaudil-as. uma a uma: bastará lembrar a primeira das valsas de Widor, em que o nosso glorioso pianista poz os mimos de uma execução acabadissima e admiravelmente delicada e algumas das romancinhas de Madame Sarti ás quaes fizemos a justa homenagem do nosso enternecimento o mais sincero, que é, assim o julgamos, o melhor applauso que se pode ambicionar em trechos d'essa natureza.

O prestigio do talento d'estes executantes é apreciado por toda a gente, na devida altura, e o valor do seu merecimento como propagandistas da musica bôa e san é um dos seus legitimos titulos de gloria, melhor apreciado decerto se o proprio publico se dignasse ajudal os um pouco.

De facto, para seleccionar um programma de forma a que d'elle resalte uma poderosa lição esthetica e se mantenha, ininterrupta, uma forte corrente educativa, como a pôde e deve imprimir a altissima auctoridade de Colaço, Rubio e Madame Sarti, é indispensavel que o proprio publico se queira deixar dominar por essa saudavel corrente e não proceda n'uma sala de concerto, como é uso proceder-se n'uma praça de touros.

Senhores e principalmente senhoras nosas:

Perdoae-nos todos e sobretudo, damas gentis a quem não desejariamos dizer senão cousas galantes, perdoae-nos por mercê. O nosso maior prazer seria que a tiragem d'este jornal fosse tão grande que a cada uma de vós podessem chegar as nossas humildes palavras e, acima de tudo, que ellas tivessem a força de vos convencer, de uma vez para sempre.

Guardae, por piedade, as vossas interessantissimas conversas para outra occasião.

N'uma sala de concerto ha muitas pessoas que teem o mau gosto de preferir ouvir a musica, a escutar o doce ciciar dos vossos labios côr de rosa.

E depois, o artista de genio... Sabeis o que é o artista de genio? E' qualquer d'esses tres que vós quasi nos não deixastes ouvir n'essa noite.

O artista de genio, diziamos, é como que uma alavanca muito mais poderosa que todos os vossos assumptos, para levantar a intellectualidade de um povo; mas se vos vir desattendidas e indifferentes, se perceber que quereis offuscar a sua propaganda san, com a descripção algo ruidosa das vossas *fanfreluches* e dos *salsifrés* que projectais, é capaz de julgar-vos embotado o appetite e não hesitará em servir-vos umas horrosas misturas de pimentinha e *colorau* que acabarão por estragar-vos de todo o debil estomago.

Percebeis-me? O que vos quero dizer é que, por vossa culpa, o artista sério, mas que vive do publico e precisa d'elle, chegará um dia a substituir uma Arte bôa e santa pela mais rasteira das especulações... E n'esse dia, senhoras minhas, tereis, talvez sem o saber, uma medonha responsabilidade sobre as formosas espadas...

*

Ainda em 18 effectuou-se o 3.º concerto de musica de camara do sextetto da Figueira da Foz, a que anteriormente alludimos.

O programma, de elevada importancia, constou dos seguintes numeros:

Quartetto op. 29 (para instrumentos de corda)	<i>Schubert</i>
Quintetto, op. 44 (para piano e cordas)	<i>Schumann</i>
Quintetto das trutas (para piano e cordas)	<i>Schubert</i>

Successo em toda a linha, como no anterior concerto e bem justificado pela primorosa escolha das obras executadas e pela cuidadosa interpretação que lhes foi dada.

*

Na tarde de 19 deu o Club de Cascaes o seu terceiro concerto de character classico.

O clou do concerto era a reduccão a quintetto do celebre *Septimino* de Beethoven, uma das joias preciosas que hão de eternamente brilhar entre os primores do famoso Mestre. E foi bem executado na verdade, com grande segurança e calor, magnifica

fusão de sonoridade e uma elasticidade nas *nuances* que mostram quanto este grupo poderia fazer se quizesse remodelar a feição dos seus programmas. Não hesitamos em tornar extensível a toda a obra a sincera apreciação que ahí deixamos: mas se houvessemos de especialisar, não occultariamos a nossa preferencia pelas *variações* do segundo numero, cuja finura e delicadeza de interpretação merecem todo o louvor.

Foi mesmó tão lisongeira a impressão que nos deixou a execução geral da obra, que mais uma vez lastimamos que este sympathico grupo não se lance denodadamente para estes concertos semanaes, na exploração das grandes obras, que tão dignamente poderiam interpretar.

O violinista Francisco Benetó teve occasião de brilhar na difficil *Rapsodia hungara* de Hauser, provando ahí, como em tudo o mais, que mantem, purissimas, as tradições do grande Marsick e que tem direito, por todos os titulos, a um lugar honrosissimo na arte hespanhola contemporanea. Interpreta lindamente, com muita sobriedade e correcção talvez um tanto fria, mas vence galhardamente os mais arriscados passos e tem um invejavel braço direito.

O Sr. Galvez, violeta, evidenciou-se de forma a chamar a attenção; é um artista completo na sua especialidade, um verdadeiro professor.

O sr. Calvo teve tambem occasião de provar o que valem o seu violoncello, os seus dedos e a sua alma no compromettedor *Larghetto* de Mozart, onde o applaudimos sem reserva.

O pianista sr. Casanovas agrada-nos mais no *ensemble* que nos solos. Tocou as notas todas da *Berceuse* de Chopin e com melhor comprehensão e maneira o *Oiseau du prophète* de Schumann. E' novo, tem talento e não nos levará decerto a mal que lhe façamos um pequeno reparo: — Já que tão facilmente sabe dominar a sua technica, trabalhe cada um dos compositores que tem de interpretar, de forma a penetrar lhes a intima essencia e a comprehender criteriosamente as differenças no estylo e no modo de ser, por que cada um d'elles é caracterizado.

Esse é o maior passo que o poderá appropiar da perfeição.

No resto do programma, vale ainda a pena citar a *Gavota* de Bach e o *Rigaudon* de Rameau, que o sextetto traduziu nas suas mais subteis finuras.

*

Na assembléa da Granja realisou-se a 19 um sarau musical promovido pelo conhecido

violoncellista Joaquim Casella, com o auxilio dos srs. Cassagne e Raul Marques Pinto.

O promotor do sarau executou uns fragmentos da *Sonata em ré maior* de Rubinstein, que decididamente está agora na moda e a *Romança* e *Tarantella* de Popper.

*

Bem digno de registro foi tambem o concerto extraordinario com que se festejou na Figueira da Foz o magnifico sextetto que tão salutar trabalho artistico ali tem feito.

Teve logar tambem no dia 19 e além do sextetto dirigido pelo notavel violinista hespanhol Julio Francés tomaram obsequiosamente parte as sr.^{as} D. Gloria Castanheira, D. Ritta da Silveira, D. Maria do Céu Beltrão, D. Maria das Dôres Faria e Maia e Mademoiselle Mirabeau.

Como peças capitaes do programma executaram-se a *Sonata* op. 8 de Grieg por Julio Francés e José Bonet, o *Trio em dó menor*, op. 8 de Beethoven por D. Gloria Castanheira, Julio Francés e Moraes Palmeiro, em que os illustres *virtuosi* tiveram uma longa e phrenetica ovacão, *Scherzo e Final do Gran Duo* op. 8 bis de Saint-Saens, ouvidos pela primeira vez em Portugal e primorosamente traduzidos por D. Gloria Castanheira e José Bonet e finalmente a redução do celebre *Septimino* de Beethoven, com que fechou brilhantemente a festa.

Mais de 500 pessoas assistiam a este grande concerto, sancionando aos distinctos concertistas o mais legitimo dos triumphos.

*

A distincta professora de piano e orgão, D. Candida Cilia de Lemos, que se acha actualmente no Porto, realisou ali no dia 22 um *recital* de piano, com o seguinte programma:

Concertstück.....	Weber
Um fado..	Rey Colaço
Studio.....	Bertini
Etude de concert...	Dohler
Presto agitato.....	Mendelssohn

*

Um dos que mais agradaram no Club de Cascaes, foi o de sexta feira, 27, accrescentando-se de dia para dia o grande merecimento dos artistas hespanhoes que o Club contratou para a sua *season* autononal.

A obra principal que se executou foi o *Quartetto* op. 27, de Grieg, para instrumentos de corda, trabalho de larga concepção, de uma contextura algo emmaranhada e extravagante, quasi rude, mas pittoresco ao

ultimo ponto e dando-nos a nota exacta da *maneira* definitiva e predilecta do grande mestre scandinavo.

E' no primeiro andamento que mais se pode apreciar esse *modus faciendi* tão característico: dissonancias duras e inesperadas, rythmos bizarros, sobrepondo-os ás vezes brutalmente, tudo alli concorre para dar á peça um sabôr extranho em que o paladar embotado encontrará a cada momento as mais excitantes novidades.

O segundo andamento, um andantino, é muito mais *humano* e lisongeará todos os paladares. Quanto ao terceiro é aquelle que talvez mais nos agrade pela factura, mas foi o menos feliz na execução e o *final* que a nosso vêr não tem o interesse de qualquer dos outros, contem no entanto serias difficuldades que os distinctos concertistas venceram galhardamente.

Em summa é uma peça que o publico deve estudar ouvindo-a mais vezes, se lhe fôr possível.

O primeiro tempo do *Concerto* de Beethoven foi um triumpho para o violinista D. Francisco Benetó: a cadencia intercalada por Leonard foi maravilhosamente dita e superados brilhantemente os trabalhosos passos que n'ella se conteem e as soberbas variações que Leonard baseou sobre um dos *themas* principaes da obra.

O primoroso violinista teve uma bem justa ovação, que elle agradeceu com uma *Habanera* de Sarasate, *hors programme*, que para se dizer a verdade fez bem fraca figura depois da obra colossal do grande mestre allemão.

De notavel no resto do programma citaremos ainda o *Minuetto* de Schubert, que teve as honras da repetição e a *Chanson du printemps* de Mendelssohn, que devia merecer iguaes honras; qualquer d'esses dois trechos foi superiormente interpretado pelo Sextetto.

O proximo concerto classico é em 4 de outubro.

*

Já a lutar com uma excessiva abundancia de original, a ponto de ter retirado muitas noticias que já estavam compostas, não nos queremos no emtanto furtar a mencionar ao menos o programma do 4.º concerto de musica de camara, que teve logar no Casino da Figueira em 27 do corrente mez.

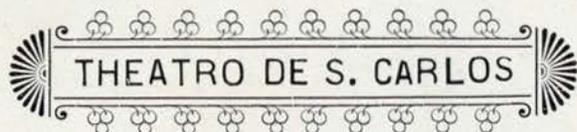
Eis os numeros de se compôz:

Quartetto..... *Neuparth*
para instrumentos de corda

Sonata, op. 58..... *Mendelssohn*
para violoncello e piano

Septuor..... *Beethoven*
reducção para quintetto

A execução como sempre aprimorada e calorosamente applaudida.



Ha já algum tempo que os jornaes diarios veem fazendo um constante reclamo a favor dos artistas que devem compôr o elenco da proxima época lyrica de S. Carlos. Da synthese d'esses reclamos resulta o seguinte elenco:

Sopranos: Regina Paccini, Bellincioni, Adelina Sthele, Febea Strakosch, Emma Caselli, Adalgisa Minotti e Adami Corradetti.

Meio soprano: Marchesini.

Tenores: Bonci, Borgatti, Garbin, Clement, Anselmi, Zanatello.

Baritonos: Menotti, Kaschmann, Vincenzo Ardito, Pini Corsi e Ferrucio Corradetti.

Baixo: Oreste Luppi.

Maestros: Luiz Mancinelli e Ettore Peroni.

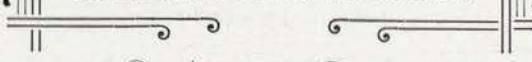
Temos portanto a indicação de seis tenores e seis sopranos, incluindo entre estes a sr.^a Bellincioni, notavel como artista dramatica. E' claro que os principaes d'estes artistas se farão ouvir apenas em algumas recitas; os que são escripturados para toda a época devem ter um valor secundario.

Como *meio-soprano* vemos apontada a sr.^a Marchesini, já nossa conhecida. Algum outro nome nos apparecerá á ultima hora. E' porém esta uma especialidade d'artistas em que o elenco de S. Carlos não costuma ser muito prodigo nem muito feliz.

Na classe de baritonos, dos srs. Menotti e Kaschmann sabemos já o que devemos esperar. Parece que sem o primeiro não ha *Scarpia* possível. E' para a *Tosca* o que a sr.^a Bellincioni é para a *Fedora*. Dos outros baritonos dirá em tempo competente o nosso critico musical conforme fôr de justiça

Como baixo tambem apenas pudemos colher o nome de Luppi.

D'aquí até á publicação definitiva do elenco ainda mais algum nome apparecerá nos reclamos dos jornaes diarios. Estamos todavia convencidos de que, entre os nomes que acabamos de apontar, estão os dos principaes artistas. E com elles teremos de nos contentar.


GALERIA DOS NOSSOS


D. Carolina Alziña



Como os lyrios e as rosas vivem a res-cender aromas, assim ella passa a semear encantos...

Immaculada como uns, desprezenciosa como as outras, a sua belleza modelar de estatua, faz a um tempo pensar no céu e bemdizer a terra

E no seu rosto, de uma formosura casta e de uma espiritualisação divina, ha qualquer cousa de mysterioso e alado, que lembra a fusão suprema do anjo na mulher!

Vê-se-lhe porêem no olhar transparente e doce, de envolta com um veludineo brilho, o consciencioso ardor pela sua arte amada e o penetrante enlevo em que a todos nós nos deixa consegue o ella despertar sem custo e manter sem violencia, pela simples emanação gracil da sua ideal figura, vivamente penetrada do immortal clarão dos mestres!

Por isso nos canta as notas d'elles com a mesma naturalidade simples com que nos olha ou com que nos fala...

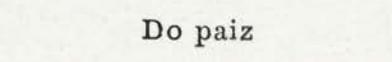
E' então perfeita? Quasi diria que o será a espaços; mas, como vae ascendendo sempre, dentro em pouco sel-o ha deveras. No entretanto, certos trechos saem-lhe já de um relevo unico e de uma estylisação rara; e, como mercê da séria orientação musical do seu espirito, amorosamente cultivado por esse pianista emerito que se chama Colaço, ella nem um momento afrouxa em proseguir no ideal sonhado, que espanta vel-o attingido um dia?

Nos torvos e miserandos limbos em que alguns de nós vivemos, contemplar de perto os privilegiados seres que por qualquer modo o Bom Deus sagrou, é já um favor insigne; ouvil-os, quando elles vibram em harmonias cêrulas, é uma uncção de luz...

Bemaventurados os que n'esta cruzada andam, que elles farão perceber pelos olhos aquillo que nem sempre os ouvidos sentem.

Essa será tambem uma forma justa de servir o Bem e de propagar o Bello...

AFFONSO VARGAS


NOTICIARIO


Do paiz

Tem tido uma tal procura o nosso segundo *Anuario Musical*, que apenas nos resta um numero insignificante de exemplares.

Sentimos portanto prevenir os estimaveis assignantes da *Arte Musical* que a partir do proximo dia 10 de outubro lhe não poderão ser satisfeitos quaesquer pedidos do *Anuario*.

Com respeito ao primeiro volume d'essa publicação (anno 1900) resta apenas uma pequena reserva de alguns exemplares, que se vendem ao preço de 1.7000 réis cada um.

Abriam um *Instituto musical* no Porto os talentosos professores Henrique Carneiro e Benjamim Gouveia, que tivemos aqui occasião de ouvir em março, fazendo parte do *Quartetto Moreira de Sá*.

N'este instituto, montado com todas as condições exigidas, leccionam-se as seguintes disciplinas: solfejo cantado, theoria e composição musical, piano, violino, bandomolim e viola franceza.

Compra-se n'esta Redacção o numero 4 da *Arte Musical*, que se acha completamente esgotado.

Parece averiguado que teremos em fevereiro a fortuna de ouvir entre nós o glorioso pianista Paderewski, que um doloroso desgosto de familia nos privou de apreciar em março passado.

O grande artista tem contracto com a *Sociedade de Concertos de Madrid*, para dar 3 concertos n'essa capital, de 16 a 23 de fevereiro; em dois d'esses concertos será acompanhado pela orchestra da referida *Sociedade*.

Em seguida e essa serie de concertos virá então a Lisboa, contractado pelo sr. Dotesio, armazenista de pianos e musica do visinho reino; parece tambem certo que n'este segundo contracto figuram alem da nossa as cidades de Barcelona, Bilbao e outras.

O joven violinista Nicolino Milano acaba de fazer aquisição de um magnifico violino de André Guarnerius.

Diz a proposito d'esta compra o nosso illustre collega *Primeiro de Janeiro*:

«A historia d'este *Guarnerius* resume-se n'isto. Construido em 1689, trouxe-o para o Porto em 1872 um professor italiano que viera tocar na orchestra do nosso theatro lirico. Por motivos que ignoramos, esse professor rifou-o, vindo o celebre violino a tocar por sorte ao sr. Santos, estabelecido com uma alfaiateria na rua de Sá da Bandeira.

Este senhor teve por varias vezes offeras assás importantes, mas não consentiu em vender o seu *Guarnerius* na esperanza de que algum dos seus dois filhos se dedicasse á musica e o aproveitasse. Teve, porém, a suprema dôr de os vêr morrer. E, afinal, sabendo que Nicolino Milano, desejava adquirir o violino, vendeu-lh'o por um preço realmente baixissimo, de verdadeiro amigo e admirador do eminente artista».

Tivemos, com gentilissima apresentação do maestro Andrés Goñi, a apreciada visita do sr. D. Luiz Gracia, presidente da Sociedade de Concertos de Madrid e actual director do *Sextetto de Cascaes*.

A casa Ricordi, de Milão, encarregou o nosso distincto violinista Cesar Mirés de confeccionar duas fantasias ou selecções sobre a *Bohème* e *Tosca*. A primeira já está em venda.

Tem feito uma longa permanencia em Paris, onde ainda se encontra o conceituado professor Hernani Braga, nosso precioso amigo.

No Club de Leça da Palmeira tem-se continuado as festas musicas, sob o influxo do notavel pianista Oscar da Silva, que ali se encontra veraneando.

Entre outras peças tem-se tocado, com muito agrado, uma *Rapsodia portugueza* de Henrique Carneiro e varios côros portuguezes escriptos expressamente por Oscar da Silva.

Regressou a Portugal e felizmente de saude perfeita a Sr.^a Condessa de Proença a Velha.

Apresentamos-lhe os nossos emoras e felicitamos a arte portugueza pelo concurso inestimavel que lhe pode continuar a prestar a notavel amadora.

As matriculas para admissão nas aulas do Conservatorio terminam hoje.

Os diversos Cursos começarão a funcionar em 5 do proximo mez de Outubro.

Como se sabe o 4.^o volume do Curso geral de piano (estudos de Bernard Rie) é substituido por uma selecção de estudos facéis de Czerny e numeros escolhidos do *Album de la Jeunesse* e *Scènes d'enfants* de Schumann.

Toleram-se porem ainda oficialmente os antigos estudos por não ter ainda o editor apresentado os novos.

Tambem recebemos noticias do apreciado barytono D. Francisco Coutinho (Chico Redondo), que nos concertos que está dando em terras dinamarquesas, continua a ter o mais lisongeiro acolhimento.

Do estrangeiro

Organisou-se em Berlim uma companhia theatral com o fim de representar, mediante o pagamento das respectivas despezas, as peças dramaticas e musicas que os seus auctores queiram ver em scena. O prospecto da empreza garante a execução impecavel por bons artistas, de operas, operettas dramas e comedias, dirigidas por ensaiadores e chefes de orchestra acreditados. Encarrega-se a mesma empresa da execução de oratorias, obras symphonicas e coraes, encarregando-se tambem de fornecer solistas e coristas. Para a musica de camara e conferencias tambem possui sala apropriada. Emlim para que os clientes não tenham o menor incommodo nem se vejam embaraçados com a sua ignorancia, a empresa põe-os em relações com os directores de theatros, agentes e jornalistas.

Os jovens auctores que desejem ver as suas obras julgadas pelo publico, não teem mais do que puxar pelos cordões á bolsa... se a tiverem.

Inaugurou-se em Dusseldorf uma estatua a Mendelssohn, trabalho do esculptor Buscher.

Foi em Dusseldorf que Mendelssohn se estreiou como chefe de orchestra, dirigindo os concertos symphonicos e as festas religiosas n'aquella cidade, em 1833, quando o grande compositor não contava ainda 24 annos. Foi ali tambem que elle escreveu quasi toda a oratoria *Paulus*, uma das suas obras primas.

Em Lambeth, arrabalde de Londres, a Sociedade dos Musicos d'esta cidade man-

dou collocar uma lapide commemorativa na casa onde nasceu, em 1842, o notavel compositor inglez Arthur Sullivan.

Names officiaes que o Conservatorio de Paris tem tido: Escola real de canto e declamação (1784-95); Escola real dramatica (1786-89); Musica e Escola da guarda nacional (1789-93); Instituto nacional de musica (1793-95); Conservatorio de musica (1795-1815); Escola real de musica e declamação (1815-42); e successivamente; durante as tres diferentes fórmãs de governo que a França tem tido: Conservatorio, nacional, real e imperial, de musica e declamação.

Um americano riquissimo. Andrew Carnegie, offereceu á cidade de S. Francisco da California uma somma de 95:000 dollars para a fundação de uma bibliotheca publica.

Dizem de Munich que o filho de Wagner declarou não consentir a nenhum theatro novo allemão, construido segundo os principios do de Bayreuth, a representação das obras de Ricardo Wagner antes do anno de 1913, epoca em que expirava os direitos de auctor, segundo a nova lei alleman.

Pretende o joven Siegfried que os emprezarios allemães não adquiriram direitos senão para os theatros que já existiam á data do tratado e que portanto esses direitos não são transmissiveis ás novas construcções.

Theoria deveras contestavel a que poderá dar logar a extraordinarios processos!

A nova *Sociedade Bach* que se fundou em Leipzig conta já mais de 500 membros e está a receber todos os dias novas adhesões.

Mais um conservatorio na Allemanha: fundou-se ultimamente um novo conservatorio em Dortmund, pequena cidade na provincia de Westphalia que pouco mais contará de 30:000 habitantes.

Como se sabe, estes estabelecimentos são de iniciativa e exploração particular. O de Dortmund tem por directores Huettener e Holtschneider, propondo-se especialmente a formar bons executantes de orchestra.



BIBLIOGRAPHIA

Do auctor do *Guia de afinação* a que nos referimos no anterior numero temos á vista uma longa carta, finamente cortez por um lado e levemente ironica por outra.

E' mais que justo que pretenda quebrar uma lança pelo seu *Guia*, já que o engendrou; permitta nos porem que lhe digamos ainda que toda a vez que fôr beber a sua sciencia musical ao Larousse, e quejandas encyclopedias, ha-de peccar mortalmente, como lhe succedeu agora.

E por aqui pomos ponto, visto que nos não auctorisou a publicação da carta nem para ella teriamos logar.

De resto, sendo certo que *afinou* com a critica, excusamos de proporcionar esse saboroso piteu á galeria.

NECROLOGIA

Finou-se a 22 do corrente mez a sr.^a D. Marina Vellani Albini, irmã do conceituado professor de canto e nosso querido amigo Napoleão Vellani.

Sentidas condolencias.

*

Annunciam de Lansanne a morte de Fritz Simrock, chefe d'uma das mais antigas e afamadas casas de edição musical da Allemanha.

Foi esta casa fundada ha mais de um seculo em Bonn por Nicolau Simrock, um artista que tinha pertencido á orchestra do eleitor da colonia e que, com superior actividade e intelligencia, desenvolveu em pouco tempo o seu commercio, por uma fórmula verdadeiramente florescente

Passou a casa de pae para filho até ás mãos de Fritz Simrock, que lhe manteve sempre a sua alta reputação.

Foi principalmente o editor de Brahms, que tinha por elle uma viva affeição.

Muito intelligente e dotado, segundo se diz, de finissimo espirito critico, Simrock tinha horror pela banalidade e não publicava senão obras serias e de valôr.

EXPEDIENTE

Affiuu por tal forma o original n'este numero que tivemos de augmentar quatro paginas de texto, e retirar ainda assim grande quantidade de noticias, especialmente do estrangeiro.

Pedimos desculpa aos nossos complacentes leitores d'esta falta, bem como da omissão do fasciculo do *Diccionario*, originada pelo indicado augmento de paginas.